

XIII Jornadas de Investigación y Segundo Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2006.

Analfabetismo funcional: uma análise comparativa da situação na América Latina.

Siqueira de Andrade, Márcia.

Cita:

Siqueira de Andrade, Márcia (2006). *Analfabetismo funcional: uma análise comparativa da situação na América Latina*. XIII Jornadas de Investigación y Segundo Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-039/424>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/e4go/fYk>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

ANALFABETISMO FUNCIONAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA SITUAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Siqueira de Andrade, Márcia
Centro Universitário FIEO. Brasil

RESUMEN

O objetivo desta pesquisa foi o de estabelecer parâmetros para análise da situação do analfabetismo funcional na América latina. Foram coletados dados sobre a situação da alfabetização dos principais órgãos de estatística dos países da América latina. A análise comparativa sugere que apesar do aumento da cobertura do sistema educativo durante as últimas décadas, o analfabetismo e o analfabetismo funcional seguem sendo problemas relevantes e urgentes para a coesão das sociedades latino-americanas e que em termos comparativos, temos um processo de aumento das disparidades entre as nações latino-americanas. Esta diversidade de cenários sociais constitui um desafio original para as necessárias e urgentes políticas de educação de adultos.

Palabras clave

Analfabetismo funcional América Latina

ABSTRACT

FUNCTIONAL ILLITERACY LATIN AMERICA'S:
SITUATION IN ANALYSIS

The paper pretended establish parameters for functional illiteracy in Latin America's situation. They had been collected given on the situation of the alfabetização of the main Latin America's statistics agencies. The comparative analysis suggests that despite the increase of the covering of the educative system during the last decades, the illiteracy and the functional illiteracy they follow being excellent and urgent problems for the cohesion of the Latin American societies and that in comparative terms, has a process of increase of the disparities between the Latin American nations. This diversity of social scenes constitutes an original challenge for the necessary and urgent politics of education of adults.

Key words

Functional illiteracy Latin America

É por demais óbvio assinalar a importância da alfabetização para um país, seja do ponto de vista econômico, social ou político. Os problemas educacionais, manifestos pelos altos índices de evasão e repetência escolar, revelam-se fenômenos complexos que ultrapassam os limites pedagógicos ou didáticos, abrangendo a esfera social, econômica, cultural e política.

Relembrar o grande número de pessoas que estão alijadas desse processo parece não ter sido suficiente para modificar esta situação. As conseqüências se fazem sentir não apenas nos mencionados índices de evasão e repetência, particularmente alarmantes nas séries elementares do 1º grau, como também entre aqueles que, mesmo oficialmente alfabetizados, são incapazes de utilizar a leitura e a escrita como meio de apreensão do objeto, de compreensão do mundo e de atuação inteligente sobre ele.

A leitura e a escrita são formas de expressão e comunicação que funcionam como evidência de equilíbrio do desenvolvimento biológico, psicológico e social. Essa forma de manifestação humana se explica a partir da interação do ser com o mundo, determinando uma crescente consciência de si, dos outros, dos objetos e do meio.

A alfabetização, de acordo como o papel social da linguagem, permite ao indivíduo acesso aos bens culturais, para então reproduzir mudanças cognitivas (internas) que possibilitem uma visão crítica frente às contingências que o cercam.

O ANALFABETISMO NO BRASIL

No Brasil, o quadro do analfabetismo é secular e chega aos nossos dias sem alterações substanciais. Alguns dados estatísticos ilustram a dramática situação das nossas primeiras séries. O censo demográfico de 1980^[1] nos mostra que o analfabetismo na população de cinco anos e mais é de 31,9%; de dez anos e mais é de 25,5%; de quinze anos e mais é de 25,5%.

Há cerca de quarenta anos que 50% das crianças não conseguem ultrapassar a primeira série e, apesar de um ligeiro declínio percentual de analfabetos, houve um aumento absoluto nesse número. Assim, em 1970, tínhamos 30,7 milhões de analfabetos e, em 1980, 32,7 milhões, o que nos conduz à constatação de uma crescente "produção" de novos analfabetos, quer por pura e simples exclusão do processo, quer por ineficiência do sistema.

Em 1980, na faixa de dez anos e mais, 25% das crianças eram analfabetos, índice muito elevado já que indica que 1/3 das crianças brasileiras de dez anos não foram alfabetizadas. De 23 milhões de crianças de sete a quatorze anos, em 1980, 7,5 milhões não frequentavam a escola.

Dados do SEEC-MEC nos mostram que, de cada mil crianças que entravam na primeira série, em 1963 só 449 passavam para a segunda série, só 438 passavam para a segunda série em 1975. Observa-se que, se mais da metade dos alunos regulamente inscritos são reprovados, então o mais sério estrangulamento do ensino de primeiro grau ocorre no início da escolarização, na passagem da primeira série para a segunda série.

Dados mais recentes demonstram que, no primeiro grau, de cada cem alunos que ingressam na primeira série, cerca de 18 concluem a oitava série. Retenções consecutivas conduzem a taxas de repetência que variam de cerca de 50% na primeira

série até pouco menos de 25% na oitava série, mantendo-se próximas de 20% nas três séries do segundo grau (Goldemberg, 1993)^[2].

Tão grave quanto antiga, a questão do analfabetismo tem sido estudada continuando a apresentar, porém, resultados insatisfatórios. O problema da alfabetização é complexo e tem nítidas implicações sócio-políticas, pois repetência e "evasão", baixo nível econômico da clientela e alta seletividade do ensino estão claramente associados. A proposta de "democratização do ensino" anuncia o acesso à alfabetização pela escolarização, e busca novas alternativas para solucionar o problema.

O retrato do processo de expansão do ensino durante o século 20 revela que, apesar da urbanização decorrente da industrialização, a taxa de alfabetização não sofreu praticamente modificações entre 1900 e 1920. Nesse período, a densidade demográfica e o índice de urbanização se modificaram ligeiramente. Entre 1900 e 1999, porém, as diferenças são bem sensíveis no que tange ao crescimento da população e dos índices de alfabetização.

A taxa de analfabetismo declinou de 39,5%, em 1960, para 19%, em 1990, seguindo um ritmo relativamente lento de 0,63% ao ano, o que indica que programas de alfabetização como o antigo Mobral não tiveram eficácia. No entanto, na década de 90, o analfabetismo começou a recuar a uma velocidade bem maior, registrando-se uma redução média anual de 1,08%. Outra tendência positiva observada no período mais recente é o decréscimo do número absoluto de pessoas analfabetas no grupo etário de 15 anos e mais. A reversão acelerada dos índices de analfabetismo, sobretudo entre os grupos mais jovens da população, está diretamente relacionada com o processo de universalização do ensino fundamental.

TENDÊNCIAS DO ANALFABETISMO NA AMÉRICA LATINA

Por convenção, considera-se analfabeta a pessoa que declara não saber ler e escrever um bilhete simples. A evolução das taxas de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais em vários países participantes do Pisa 2000, indica que, apesar da redução da taxa, ainda é possível encontrar um contingente expressivo de analfabetos entre os brasileiros. Países da América Latina considerados no mesmo grupo de nível econômico do Brasil apresentam taxas de analfabetismo bem mais baixas, como, por exemplo, México (8,9%), Chile (4,4%) e Argentina (3,3%).

O analfabetismo é uma das expressões mais graves de um processo de exclusão e marginalização social. As políticas que se vêm implementando para obter sua erradicação entre a população adulta e a tendência à universalização da educação básica repercutiram em um processo contínuo de redução da taxa de analfabetismo na América Latina. Entretanto, estes esforços não são suficientes para superação das desigualdades e do aumento da fragmentação social.

Em todos os países da região que se conta com informações do início e do final da década de 1990, as pesquisas de domicílio indicam uma redução da taxa de analfabetismo. Na Argentina, Chile, Brasil e Honduras, a redução relativa do analfabetismo durante este período foi mais acentuada do que no México. Este país apresentava no começo da década uma situação intermediária -com uma taxa de 11,2%- comparada com as altas taxas de analfabetismo do Brasil e Honduras (18,6% e 25,4% respectivamente) e as taxas mais baixas de analfabetismo (da ordem de 5% ou menos) da Argentina e Chile. Entretanto, o decréscimo relativo entre inícios e fins da década foi de 12% no caso do México, enquanto que no resto dos países foi de 25% ou mais.

No ano de 2000, entre os países com índices de analfabetismo mais alto se encontram a Guatemala -onde quase um terço da população maior de 15 anos é analfabeta-, Nicarágua e Honduras. A estes países seguem o Peru, Brasil e Bolívia com taxas entre o 11% e o 14% e, México e Paraguai com taxas de 10%. Os índices mais baixos (de 4% ou menos) registram-se

no Chile e na área urbana da Argentina.

Embora só se conte com informações desagregadas por área geográfica para início e fim da década para quatro países, cabe destacar que - a diferença do que ocorre com outros indicadores educativos - as disparidades entre áreas urbanas e rurais no analfabetismo se mantiveram. Para o ano 2000, os países que apresentam as disparidades geográficas mais altas são o Peru, Bolívia e Chile onde o índice de analfabetismo rural quase quintuplica em relação à zona urbana. No México, a relação é de 4 a 1, enquanto que no resto dos países as taxas rurais triplicam em relação às urbanas.

A associação entre disparidades geográficas e disparidades de gênero só se verifica nos países com alta presença de população indígena. No Peru e Bolívia as altas brechas geográficas correspondem com brechas de gênero também altas; em troca, Chile e Brasil apresentam desigualdades geográficas pronunciadas em condições de igualdade de gênero.

Outro dado destacável é que as desigualdades de gênero nas áreas urbanas são maiores que nas áreas rurais.

Das taxas de analfabetismo por grupo de idade se depreende que na grande maioria dos países da região a incidência do analfabetismo entre os jovens de 15 a 24 anos é muito baixa. Exceto no Nicarágua, Honduras e Guatemala onde até a percentagem de jovens que não lêem nem escrevem é significativo, no resto dos países o índice é de 4% ou menos.

Os maiores lucros no decréscimo da taxa de analfabetismo se registram ao comparar o grupo de 50 anos ou mais com o que tem entre 35 e 49 anos. No Chile, Peru, Bolívia e México a percentagem de população analfabeta deste último grupo de idade equivale à terceira parte ou menos que o que apresenta a população de 50 anos ou mais.

Resulta chamativa a redução do ritmo de decréscimo do analfabetismo entre a população de 25 a 34 anos e a mais jovem em países com índices altos ou intermédios como o Nicarágua, Paraguai e Honduras.

O ANALFABETISMO FUNCIONAL ENTRE A POPULAÇÃO ADULTA DA AMÉRICA LATINA

Apesar do aumento da cobertura do sistema educativo durante as últimas décadas, o analfabetismo e o analfabetismo funcional seguem sendo problemas relevantes e urgentes para a coesão das sociedades latino-americanas.

O conceito de analfabetismo mudou muito durante os últimos anos. Em 1958, a UNESCO definia como analfabeto ao indivíduo que não conseguisse ler ou escrever algo simples. Vinte anos depois, adotou-se o conceito de analfabeto funcional: uma pessoa que ainda sabendo ler e escrever frases simples não possui as habilidades necessárias para desenvolver-se pessoal e profissionalmente. Seguindo recomendações da UNESCO, na década de 1990 se começaram a divulgar índices de analfabetismo funcional definindo como analfabetas funcionais às pessoas com menos de quatro anos de escolaridade.

Entre os países considerados, Guatemala é o que apresenta a situação mais crítica com mais da metade de sua população de 15 anos ou mais sem educação ou com escolarização escassa. Nesta situação se encontram aproximadamente um terço da população de El Salvador, Nicarágua e Honduras, a quarta parte da população do Brasil e da Bolívia e 20% da população do México, Peru e Paraguai. Costa Rica e os países do cone sul -Argentina, Chile e Uruguai- apresentam as situações mais favoráveis.

As probabilidades da população de 15 anos ou mais nas áreas rurais ter um nível educativo extremamente baixo são pelo menos duas vezes maiores às que apresenta a população urbana. De maneira mais da metade da população rural de 15 anos ou mais nos países centro-americanos -à exceção da Costa Rica- e no Brasil é analfabeta ou analfabeta funcional. Peru, Bolívia e Chile- são os que têm brechas geográficas mais pronunciadas com uma percentagem de população rural

com educação escassa que triplica com acréscimo ao da população urbana.

O decréscimo da presença de população funcionalmente analfabeta é um indicador do esforço realizado nas últimas décadas nestes países tanto por conseguir universalizar a educação básica entre a população em idade escolar como pelas políticas orientadas à educação de adultos.

Nas áreas urbanas percebe-se uma enorme concentração do fenômeno entre a população de 50 anos ou mais e uma diminuição muito pronunciada da incidência já no grupo que tem entre 35 e 49 anos. Por outro lado, nas áreas rurais a ampliação da cobertura do sistema educativo se produziu de forma muito mais gradual e portanto as disparidades entre os grupos de idade são menos pronunciadas.

O decréscimo intergeracional do analfabetismo funcional foi muito significativo em todos os países da região. As variações percentuais entre os grupos extremos de idade foram maiores nas áreas urbanas que nas rurais onde até entre os mais jovens a presença de analfabetos funcionais segue sendo significativa.

Observa-se uma tendência nos países que partiram de situações mais favoráveis, quer dizer aqueles nos que a população de maior idade apresenta percentagens mais baixas de analfabetos funcionais, sejam também os que obtiveram os menores níveis de incidência do fenômeno entre os jovens. Chile e Guatemala são casos extremos. No Chile 24% dos que têm 50 anos e mais são analfabetos funcionais e só o 1,2% dos de 15 a 24 anos o que implica uma variação relativa do -95%. Na Guatemala estes valores alcançam 79% dos mais velhos e 36% dos mais jovens com uma variação relativa do -54%.

Embora a correlação entre a presença de população com educação incipiente ou nula nos grupos extremos de idade seja bastante alta -a maior incidência entre os de mais idade, maior incidência entre os mais jovens e vice-versa-, Brasil e México se distanciam do alinhamento. De fato, ambos os países partem de situações similares com aproximadamente 53% de analfabetos funcionais no grupo de 50 anos e mais, mas enquanto no Brasil a presença de analfabetos funcionais entre os jovens de 15 a 24 anos alcança aos 13%, no México -com um decréscimo intergeracional mais acelerado- dito valor é inferior na metade do brasileiro (6%).

Em termos comparativos, temos um processo de aumento das disparidades entre as nações latino-americanas. Esta diversidade de cenários sociais constitui um desafio original para as necessárias e urgentes políticas de educação de adultos.

inec.gob.ni

Instituto Nacional de Estadística e Informática de la República del Perú - INEI
<http://www.inei.gob.pe>

Instituto Nacional de Estadística de la República Oriental del Uruguay.- INE
<http://www.ine.gub.uy>

Ministerio de Planificación y Cooperación - Chile - CASEN de MIDEPLAN -
<http://www.mideplan.cl/Rocco>. Crise na Linguagem: A Redação no Vestibular. São Paulo, mestre Jou, 1981.

Sistema de Información de Tendencias Educativas en América Latina - SITEAL
[-http://www.siteal.iipe-oei.org/](http://www.siteal.iipe-oei.org/)

Vygostky, L.S. *Pensamento e Linguagem*, Lisboa: Edições Antídoto, 1979.

NOTAS

[1] Fonte "IBGE, Censo Demográfico do Brasil de 1980" in: Cadernos de Pesquisa (52): 38, São Paulo, 1985.

[2] Goldemberg, José. "O Repensar da Educação", São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da USP, "Coleção Documentos", 1993.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Banco Mundial. *Indicadores do Banco Mundial*, 2001. IPEA 2001. (Séries Históricas e Indicadores).

Dirección General de Estadísticas y Censos - DIGESTYC - El Salvador -
<http://www.digestyc.gob.sv>

Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos del Paraguay-
DGEEC -<http://www.dgeec.gov.py/>

Goldemberg, José. *O Repensar da Educação*, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da USP, Coleção Documentos, 1993.

IBGE, *Séries Estatísticas Retrospectivas*, 1970 e 1986.

IBGE, Censo Demográfico do Brasil de 1980" in: Cadernos de Pesquisa (52): 38, São Paulo, 1985.

Instituto Nacional de Estadística Y Censos de La Republica Argentina - INDEC -
<http://www.indec.mecon.gov.ar>

Instituto Nacional de Estadística - Bolivia - INE - <http://www.ine.gov.bo>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE- <http://www.ibge.gov.br>

Instituto Nacional de Estadística y Censos - Costa Rica - www.inec.gov.ec

Instituto Nacional de Estadística - INE - Guatemala - <http://www.segeplan.gob.gt/ine/index.htm>

Instituto Nacional de Estadística - INE - Honduras - <http://www.ine-hn.org/>

Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática -INEGI - México -
<http://www.inegi.gob.mx>

Instituto Nacional de Estadísticas y Censos de Nicaragua - INEC - <http://www.>